

5

Pesquisa de campo

A morte é a coisa mais antiga do mundo
E sempre chega pontualmente na hora incerta...

Mario Quintana

Ao perceber que o Orkut vinha sendo utilizado por muitas pessoas para deixar mensagens em perfis de pessoas mortas, procurei fazer um levantamento sobre os estudos que eventualmente pudessem ter sido publicados sobre o tema. A maioria dos trabalhos que encontrei, no entanto, não tratava exatamente desse tipo de recado, mas versava sobre manifestações relativas à morte em comunidades do Orkut. Albuquerque (2007) e Negrini (2009), por exemplo, investigaram as mensagens enviadas na comunidade “PGM – Profiles de gente morta”. Nesta comunidade, que tem mais de 75 mil usuários associados, seus membros escrevem mensagens com informações de falecimentos dos quais tiveram notícia. Nessas mensagens, fornecem dados sobre o morto (incluindo sempre o link para seu perfil), relatam como e quando a morte aconteceu e copiam informações de notícias publicadas na mídia sobre a morte (quando há). Através de observações das mensagens escritas nesta comunidade, Negrini (2009) percebeu ser este um ambiente em que as discussões sobre a morte são permitidas e legitimadas. Escrever neste espaço, seria, portanto, uma possibilidade de manifestar ideias sobre a morte, que geralmente são interditas nas sociedades ocidentais contemporâneas. Já para Albuquerque (2007), os membros da referida comunidade promovem um tipo de “interpretação sensacionalista da morte” (Albuquerque, 2007, p. 13), já que as mensagens que eles escrevem enfatizam as circunstâncias dramáticas e chocantes da morte.

Enquanto Albuquerque (2007) e Negrini (2009) focaram seus estudos na troca de mensagens entre membros da comunidade “PGM” – Profiles de gente morta”, Peruzzo et al (2007) investigaram os recados escritos em comunidades cujo objetivo é homenagear pessoas que já faleceram. Estas comunidades

costumam ser criadas por alguém que era próximo do morto e têm como associados seus amigos, conhecidos e familiares. Geralmente as mensagens escritas nessas comunidades são deixadas imediatamente após a morte, tornando-se raras em pouco tempo. Ao estudarem diferentes comunidades deste tipo, os autores perceberam que havia mensagens em que as pessoas dirigiam recados aos próprios mortos em segunda pessoa do singular, de maneira análoga à que encontrei em perfis de pessoas mortas. Peruzzo et al levantam algumas possibilidades para este comportamento: a) necessidade de exibição; b) necessidade de ter seu sofrimento reconhecido pelo outro; c) tentativa de manter o vínculo com a pessoa morta. Os autores concluem seu estudo afirmando que a Internet possui um papel importante na elaboração do luto de jovens. Eles deixam claro, contudo, que o fato de não terem realizado entrevistas foi um fator limitante, e que novos trabalhos que envolvam entrevistas com participantes destas comunidades poderiam esclarecer melhor o tema.

A “conversa” com os mortos no Orkut também foi identificada por Silvestre e Aguillera (2006). Estes autores, no entanto, não estudaram comunidades, mas os próprios perfis de pessoas mortas. Eles perceberam que tais mensagens eram dirigidas diretamente ao falecido (em segunda pessoa do singular), contendo a mesma linguagem informal dos recados deixados para pessoas que estão vivas. A partir do que observaram nos perfis de mortos, Silvestre e Aguillera fizeram uma pesquisa, com pessoas em geral, a partir de entrevistas e questionários. A pesquisa tinha como objetivo fazer um levantamento sobre as crenças relativas à vida após a morte e sobre o modo contemporâneo de se perceber a morte. Os autores quiseram também investigar o modo como os pesquisados pensam que lidariam com o perfil, no Orkut, de um conhecido seu que viesse a falecer. Em seus questionários, algumas das perguntas levavam os participantes a imaginarem se apagariam ou não o perfil do falecido e o que sentiriam ao visitá-lo. Por terem um objetivo bastante amplo, os autores concluem seu estudo apontando a necessidade de uma investigação maior para se conhecer mais sobre o luto contemporâneo.

Todos os estudos que encontrei sobre as manifestações de morte no Orkut (em comunidades ou em perfis de pessoas mortas) não tiveram o objetivo de ouvir os autores destas manifestações. Albuquerque (2007), Negrini (2009) e Peruzzo et al (2007) fizeram estudos baseados apenas na observação. Já Silvestre e Aguillera

(2006), embora tenham feito entrevistas e questionários, ouviram pessoas em geral, e não aquelas que deixam mensagens em perfis de pessoas mortas. O fato de estes autores não terem dado voz aos atores deste novo comportamento os obrigou a fazer inferências a partir apenas de suas observações. Por esta razão, eles próprios reconheceram as limitações de suas pesquisas e apontaram a necessidade de novos estudos mais aprofundados sobre o assunto. Este aprofundamento é justamente o que me propus a fazer a partir da pesquisa de campo. Como se trata de um comportamento decorrente da difusão da Internet e da popularização das redes sociais *online*, considero que buscar entendê-lo apenas a partir de referenciais anteriores a estes acontecimentos poderia levar a interpretações inadequadas do que venho observando. Decidi, por isso, buscar a compreensão do fenômeno a partir das ideias daqueles que usam o Orkut para enviar mensagens para perfis de pessoas mortas. Descreverei agora como esta pesquisa foi feita. Iniciarei expondo os objetivos deste estudo de campo e, em seguida, detalharei os procedimentos metodológicos que foram utilizados.

5.1. Objetivos

Na revisão bibliográfica, vimos que, em diferentes períodos da História, transformações sociais geraram maneiras específicas de se pensar a morte e se elaborar o luto. Ao que tudo indica, a nova realidade proporcionada pela difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), especialmente a Internet, vem gerando novas maneiras de agir quando da perda de uma pessoa querida. A Rede, como plataforma de vida, tem diferentes ambientes – como memoriais, *blogs* e Orkut – nos quais vemos manifestações relativas a perdas e lutos. Entre essas manifestações, a que mais me chama a atenção, pelas características que descrevi no capítulo anterior, é a escrita de mensagens, na segunda pessoa do singular, em perfis de pessoas mortas no Orkut.

Esse fenômeno, que tenho visto com frequência cada vez maior ultimamente, gerou uma série de perguntas: como será o processo de elaboração do luto das pessoas que escrevem mensagens aos mortos no Orkut? Essa prática modifica o enlutamento de alguma maneira? Estará surgindo um costume diferente de tudo o que já houve antes, ou a Internet é apenas um novo meio de se

fazer algo que, antes, acontecia de outras maneiras? Tendo em vista que este estudo de campo não seria capaz de fornecer respostas a questões de tamanha amplitude, restringi meu objetivo a responder a seguinte pergunta: *por que pessoas em luto enviam mensagens para perfis de pessoas mortas no Orkut?*

Para responder a esta questão, fui a campo em busca daqueles que escrevem essas mensagens, pois seriam estas as pessoas que mais poderiam esclarecer sobre essa nova prática. Investigando as razões que elas têm para fazer isso, pensei que poderia entender melhor o processo de elaboração do luto contemporâneo e identificar semelhanças e diferenças com o que havia no passado.

5.2. Metodologia

As diferentes etapas deste estudo de campo foram feitas com base no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), desenvolvido por Nicolaci-da-Costa (2007). Explicarei, de maneira resumida, os pressupostos deste método.

Todo discurso está pautado nas normas da sociedade da qual o “falante” faz parte. Em qualquer sociedade, há regras e conceitos morais e, por esta razão, há coisas que “podem” e outras que “não podem” ser ditas. Em nossa cultura, aprendemos, por exemplo, que não devemos ser preconceituosos e, por isso, frases que denotem preconceitos devem ser evitadas, ainda que, no íntimo, tenhamos nossos preconceitos. Sendo assim, em nosso discurso, tendemos a evitar dizer o que consideramos inaceitável, anti-ético, preconceituoso, etc. Sem que percebamos, fazemos, então, em nosso cotidiano, uma “censura” ao que dizemos. Esta censura, no entanto, oculta o que realmente pensamos sobre assuntos diversos. O MEDS, como método de investigação, pretende chegar justamente a estes conteúdos, que são exatamente os que mais interessam ao pesquisador, por revelarem como o sujeito pensa.

O MEDS pretende, por meio de entrevistas, tornar visíveis conteúdos que vão além do discurso racional. Para que isso aconteça, é importante que os entrevistados sintam-se à vontade para se expressarem livremente. Isso porque é mais fácil a pessoa não se censurar quando está mais à vontade do que em situações tensas ou artificiais. Por esta razão, as entrevistas do MEDS devem ser

análogas a conversas informais, que levam os participantes a serem mais espontâneos em suas respostas. Se entrevistas em pesquisa podem ter um clima tenso ou formal, levando o entrevistado a responder de determinada maneira por “educação”, no MEDS, pelo contrário, a informalidade faz com que os participantes tendam a revelar até mesmo ideias que consideram “politicamente incorretas”.

Ao longo da exposição da metodologia, fornecerei mais detalhes sobre o MEDS, na medida do necessário.

5.2.1.

Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram usuários do Orkut que enviam mensagens para perfis de usuário falecidos. Estas pessoas foram selecionadas de acordo com determinados critérios que estabeleci, e que serão apresentados a seguir. Neste estudo, tive que selecionar não apenas os entrevistados, mas também os perfis dos falecidos nos quais as mensagens são deixadas. Vejamos, então, como escolhi os entrevistados e os perfis dos falecidos.

5.2.1.1.

Critérios de seleção dos entrevistados

Participaram da pesquisa 15 pessoas que escrevem mensagens em perfis de falecidos no Orkut. Não determinei, *a priori*, o número de entrevistados que a pesquisa teria. Em vez disso, me baseei no chamado “ponto de saturação”, momento quando novos entrevistados fornecem informações análogas às aquelas que já haviam sido fornecidas em entrevistas anteriores (Nicolaci-da-Costa, 2007).

Em uma pesquisa qualitativa, a seleção dos participantes pode seguir dos princípios básicos: a heterogeneidade ou a homogeneidade de características dos pesquisados. A heterogeneidade é escolhida quando o pesquisador deseja investigar o que pessoas muito diferentes pensam sobre um mesmo assunto. A homogeneidade, por sua vez, é um critério de seleção dos participantes quando o pesquisador busca entender o comportamento de um grupo com características específicas. As pesquisas que seguem as diretrizes do MEDS geralmente buscam a homogeneidade entre seus participantes. Isso porque este tipo de amostra

possibilita investigar conflitos e transformações decorrentes de situações novas que costumam ocorrer com maior incidência dentro de determinados grupos em uma época específica. A homogeneidade buscada pelo MEDS pode ser ampla ou fundamental. No primeiro tipo de homogeneidade, é estabelecida uma determinada combinação de características que os participantes devem ter em comum. Pode-se, por exemplo, desejar entrevistar mulheres com idades entre 18 e 25 anos, estudantes universitárias, residentes na zona sul do Rio de Janeiro. Na homogeneidade fundamental, em contrapartida, o pesquisador estabelece como critério de seleção a existência de uma ou poucas características em comum entre os pesquisados, como, por exemplo, um determinado hábito ou uma particularidade que todos devem ter.

Para este estudo, optei pela amostra com homogeneidade fundamental, que atendia aos objetivos de minha pesquisa. Isso porque meu interesse era investigar o novo comportamento de se deixar mensagens em perfis de pessoas mortas no Orkut. Por esta razão, o gênero, idade, local de moradia e outras características dos participantes eram irrelevantes, de modo que restringir demais o perfil poderia empobrecer o estudo. Estabeleci, então, que o que os entrevistados deveriam ter em comum era o fato de serem escritores habituais de mensagens em perfis de pessoas mortas no Orkut, e terem deixado ao menos uma mensagem deste tipo nos últimos quatro meses. Determinei este tempo por pensar que pessoas que deixaram de escrever recados nestes perfis há mais tempo poderiam falar sobre o assunto com certo distanciamento, já que este seria um hábito do passado. Quis, então, evitar o distanciamento, por pensar que ele poderia fazer com que as entrevistas com estas pessoas que deixaram de escrever há mais de quatro meses destoassem muito de outras feitas com aqueles que continuam escrevendo ou deixaram de escrever há menos tempo. Caso isso acontecesse, seria difícil fazer comparações entre entrevistas tão diferentes. Pensei, então, que seriam mais comparáveis os dados de entrevistas daqueles que deixaram de escrever há quatro meses ou menos e de outros que permanecem deixando recados.

5.2.1.2.

Critérios de seleção dos perfis dos falecidos

Para selecionar os perfis dos falecidos onde buscaria os entrevistados (procedimento que será descrito adiante), também optei por minimizar as

restrições tanto quanto possível. Por esta razão, o único critério que usei foi o titular do perfil ter falecido há mais de um ano. Optei por este tempo de falecimento porque, como mencionei no capítulo anterior, observei que, no momento imediatamente após a morte, uma grande quantidade de pessoas deixa uma mensagem, porém não volta a escrever. Minha ideia, portanto, foi investigar as pessoas que *continuaram* escrevendo, mesmo quando meses já haviam se passado após o falecimento. Um ano seria também tempo suficiente para que o impacto inicial tivesse passado e fosse possível entender como o entrevistado lidou com a perda em um momento subsequente. Além disso, ao longo de um ano o enlutado atravessa momentos diversos que incluem datas importantes sem a presença do falecido. Ter relatos de como os participantes experimentaram estes momentos seria algo que enriqueceria a pesquisa. Ao estabelecer esse período, pensei ainda que ele me daria elementos para fazer um paralelo entre o luto tradicional e o luto daqueles que escrevem mensagens no Orkut.

Com este único critério de seleção dos perfis de falecidos, optei por não restringir a escolha a perfis de acordo com o gênero, a idade ou o tipo de morte de seu titular.

5.2.2.

Considerações sobre o anonimato dos participantes

Preservar a identidade dos participantes de pesquisas científicas é um procedimento ético tradicionalmente adotado pelos pesquisadores. Geralmente esse cuidado é tomado modificando-se o nome do entrevistado e alterando-se ou omitindo-se trechos de seu discurso que poderiam facilitar sua identificação por qualquer pessoa que o conhecesse. Nesta pesquisa, não foi necessário adotar os dois últimos procedimentos, já que não encontrei, nas falas dos entrevistados, elementos que pudessem levar à sua identificação por terceiros.

Tive, no entanto, o cuidado de modificar todos os nomes daqueles que entrevistei. Embora no Orkut e no MSN muitas pessoas usem apelidos em lugar de seu nome real, o que poderia, de antemão, dificultar a identificação, considerei prudente modificá-los assim mesmo. Isso porque manter os apelidos permitiria que qualquer um, através de mecanismos de buscas do Orkut ou do MSN, pudesse eventualmente chegar aos entrevistados.

Além de alterar os nomes dos entrevistados, tive também a cautela de modificar os nomes ou apelidos dos falecidos nos perfis dos quais os participantes escrevem. Fiz esta mudança ainda que todos os perfis fossem públicos e, por esta razão, pudessem ser visualizados por qualquer usuário do Orkut. Mesmo assim, preferi ocultar os nomes reais. Procedi desta maneira, pois, caso mudasse apenas a identidade dos entrevistados, eles poderiam, ainda assim, ser identificados se fossem revelados os nomes dos falecidos. Se mudasse o nome de uma mãe que escreve mensagens para seu filho morto, por exemplo, mas não fizesse o mesmo com o nome do filho, qualquer um poderia vir a encontrar a mãe através do perfil do filho. Desse modo, para evitar a possibilidade de expor os entrevistados, preferi modificar tanto seus nomes como também os dos falecidos.

5.2.3.

Como cheguei aos entrevistados

O percurso até que eu chegasse aos entrevistados pode ser dividido em duas partes: a busca de perfis de falecidos e a procura de pessoas que escrevem nestes perfis.

Em primeiro lugar, procurei perfis que continuavam ativos após o falecimento de seus titulares. Encontrei esses perfis através de mensagens postadas nas comunidades “PGM - Profiles de Gente Morta”, “Mortos do Orkut” e “Já perdi alguém querido”. No fórum de discussões destas comunidades, localizei mensagens com referências a falecimentos acontecidos há pelo menos um ano. Acessei, então, o *link*, que havia nestas mensagens, para o perfil do falecido, e assim cheguei a seu mural de recados. Quando não havia restrições à visualização de recados apenas por “amigos” do perfil, eu observava os últimos *scraps* que haviam sido deixados. Ao ver mensagens que tinham sido deixadas nos últimos 4 meses, e, ao perceber que a mesma pessoa já havia escrito antes, entrava em seu perfil.

Ao entrar no perfil do usuário que deixou mensagens para o falecido, eu tentava adicioná-lo à lista de amigos de meu perfil pessoal, enviando uma mensagem como a seguinte:

“Olá, tudo bem? Encontrei você através do perfil do Fulano e gostaria muito de poder falar com você. Posso te add [adicionar]?”.

Optei por usar uma linguagem informal, com abreviaturas (“add” no lugar de “adicionar”, por exemplo) e outros códigos usados no Orkut, para que me aproximasse de meus possíveis entrevistados da maneira mais natural possível, o que poderia fazer com que eu tivesse mais sucesso.

Em vez de tentar adicionar possíveis participantes da pesquisa à lista de “amigos”, eu poderia ter enviado, antes, um *scrap* explicando minhas intenções. Julguei, no entanto, que isso não seria o mais adequado, pois o *scrap*, sendo público, poderia expor a pessoa. Preferi, então, tentar tê-la como “amiga”, já que, assim, eu poderia enviar um depoimento (que é privado) me apresentando e pedindo uma entrevista. Assim, quando tinha o aceite, o que quase sempre acontecia, eu escrevia um depoimento, como o seguinte, descrevendo melhor o que desejava:

“Olá, Fulano. Obrigada por me add [adicionar]. Deixa eu explicar: sou psicóloga e faço doutorado pela PUC-Rio. Estou estudando pessoas que perderam amigos ou familiares queridos, e que deixam mensagens pra eles no Orkut. Entrei no perfil do Beltrano [o falecido] e vi mensagens suas lá. Gostaria muito de poder conversar com você sobre isso, pode ser? Caso possa, peço que você, por favor, me passe seu MSN, ou que me adicione lá: [endereço usado no MSN] Obrigada!!”

Utilizei, portanto, os depoimentos como uma maneira de escrever uma mensagem privada, à qual outras pessoas não teriam acesso, e que o destinatário veria assim que entrasse em seu perfil. Desta maneira, não expunha meu possível entrevistado e me assegurava de que ele leria minha mensagem.

Quando a pessoa se dispunha a ser entrevistada, geralmente ela mesma me adicionava no MSN, ambiente no qual a entrevista viria a acontecer. Explicarei a seguir as razões por termos optado pela coleta de dados desta maneira.

5.2.4. Coleta de dados

Os dados foram coletados através de um total de 15 entrevistas, todas realizadas on-line. Para isso, foi usado o MSN Messenger, o programa de bate-papo em tempo real mais utilizado atualmente. A escolha deste meio para as entrevistas se deu principalmente devido a um fator: a familiaridade que os

entrevistados tinham com este ambiente. Por ser este o MSN um ambiente “natural” para os entrevistados, nele, eles estariam à vontade para discorrer livremente sobre o que eu tinha a lhes perguntar. Conforme apontaram Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias & Di Luccio (2009), a difusão da Internet, nos últimos 20 anos, fez com que determinados ambientes on-line se tornassem tão “naturais” como outros off-line. Por esta razão, conversar no MSN é, hoje, para muitas pessoas, tão natural como conversar pelo telefone ou mesmo face a face. Meus entrevistados estão entre essas pessoas. Todos eles mostraram-se familiarizados com o MSN e com a linguagem utilizada na comunicação on-line, que é quase sempre bastante informal, com muitos neologismos, abreviações e *emoticons* (combinações de caracteres que denotam emoções).

Quando comparadas às entrevistas tradicionais feitas pelo MEDS, as entrevistas on-line revelam-se diferentes em alguns aspectos. Estes aspectos foram descritos minuciosamente por Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias & Di Luccio (2009). Apresentarei aqui apenas aqueles que se relacionam com esta pesquisa.

5.2.4.1.

A marcação das entrevistas

O primeiro desses aspectos diz respeito à marcação das entrevistas. Entrevistas tradicionais geralmente são pré-agendadas, com alguma antecedência, em horários convenientes a entrevistador e entrevistado. Em minha pesquisa, a grande maioria das entrevistas não aconteceu em dia e horário pré-agendados com os participantes. Isso porque os entrevistados mostraram-se resistentes à pré-marcação, preferindo “combinar” apenas que nos falaríamos quando ambos estivéssemos on-line no MSN e tivéssemos disponibilidade. Percebi, então, que seria pouco natural e infrutífero insistir no agendamento. Fazer isso seria romper com a naturalidade do ambiente, já que geralmente os entrevistados não marcam hora para entrar no MSN. Assim, preferi me manter conectada ao MSN durante grande parte do dia, aguardando que algum entrevistado ficasse on-line. Quando isso acontecia, eu iniciava a conversa, perguntando sobre a disponibilidade para a entrevista naquele momento. Se o participante estivesse disponível, começava a entrevistá-lo.

5.2.4.2. Interrupções

Outra peculiaridade da entrevista on-line, em comparação às tradicionais, é a maior facilidade de o entrevistado interrompê-la e retomá-la em outro momento. Isto pode acontecer especialmente quando uma pessoa está no MSN e, ao mesmo tempo, está fazendo outras coisas. Assim sendo, estar on-line nem sempre significa estar disponível para conversar.

5.2.4.3. Registro das entrevistas

Em pesquisas que utilizam entrevistas tradicionais, estas últimas costumam ser gravadas para que, posteriormente, o material coletado seja transcrito. No caso das entrevistas on-line, evidentemente não há necessidade de transcrição, já que a conversa se dá por escrito. Assim sendo, o único procedimento que fiz foi configurar o MSN para que o próprio programa salvasse as conversas em um arquivo de texto.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro previamente elaborado. Passarei, então, à descrição de como este roteiro foi construído.

5.2.4.4. A construção do roteiro de entrevistas

Para coletar os dados de que necessitava, utilizei como instrumento um roteiro de entrevistas semi-estruturado elaborado de acordo com MEDS. Seguindo este método, passei por algumas etapas até que chegasse à construção do roteiro definitivo. Em primeiro lugar, conversei, informalmente e sem perguntas pré-estabelecidas, com algumas pessoas que escreviam mensagens em perfis de pessoas mortas no Orkut. A partir das ideias que surgiram nessas conversas, pude elaborar um roteiro-piloto. Este roteiro foi testado em três entrevistas-piloto. Depois de cada uma dessas três entrevistas, acrescentei ou retirei perguntas e reformulei outras até que a entrevista fluísse com a naturalidade desejada. Com os ajustes após a terceira entrevista, cheguei, finalmente, ao roteiro definitivo.

O roteiro definitivo continha duas partes. A primeira, simples e objetiva, contemplava dados gerais dos entrevistados, como sua idade, cidade onde morava

e sua ocupação. Havia também as seguintes perguntas, que possibilitavam conhecer a relação que o entrevistado tinha com o falecido: idade com que a pessoa morreu; há quanto tempo o falecimento se deu; tipo de relação que havia com o morto.

A segunda parte do roteiro era composta de perguntas abertas sobre o costume de se dirigir mensagens, no Orkut, a uma pessoa morta. Mais uma vez, visando preservar a naturalidade da entrevista, em vez de perguntas, a segunda parte do roteiro contava com itens. Ao utilizar itens, e não perguntas, pude seguir o fluxo do raciocínio do entrevistado, fazendo perguntas contextualizadas que faziam com que a entrevista soasse como uma conversa informal. Assim como qualquer conversa informal não segue uma ordem pré-estabelecida, os itens do roteiro não foram abordados sempre na mesma ordem. Em cada entrevista, eles eram colocados respeitando o ritmo e o estilo do entrevistado. Quando, por exemplo, uma pessoa espontaneamente abordava, no início da entrevista, um item que seria perguntado apenas no final, eu seguia seu pensamento e modificava a ordem originalmente pensada.

Embora as entrevistas tenham sido diferentes no que se refere à sequência de perguntas, busquei contemplar, em todas elas, a totalidade dos itens do roteiro. A preocupação em não deixar nenhum deles de fora se justifica, pois, ao final, para que pudesse analisar e comparar as entrevistas, seria necessário que, em todas elas, eu tivesse explorado os mesmos assuntos.

Em muitos momentos das entrevistas, as respostas dos participantes eram aprofundadas através de perguntas como “por quê?” ou “você pode me explicar um pouco mais?”. Estas e outras perguntas análogas tinham o objetivo de fazer com que o entrevistado fornecesse maiores detalhes sobre o que estava falando ou esclarecesse algo que eu não tinha compreendido bem.

A segunda parte do roteiro foi dividida em quatro blocos. O primeiro deles, que chamei de “*O início x hoje*”, visava fornecer conhecimento sobre possíveis diferenças e semelhanças entre escrever mensagens aos mortos no período imediatamente depois do falecimento e à época da entrevista, pelo menos um ano após o acontecido. Neste bloco, havia itens sobre a época em que o entrevistado começou a deixar mensagens no perfil do falecido. Estes itens eram os seguintes: como soube da morte; como reagiu; como começou a escrever; quando entrou no perfil depois da morte; por que entrou no perfil; o que fez quando entrou; como

foi ver o perfil; se leu os recados que havia no perfil, o que sentiu ao lê-los; deixou mensagem; o que escreveu; como foi deixar uma mensagem nesse primeiro momento. Perguntei também sobre os hábitos que os participantes têm hoje em dia. Para abordar este assunto, havia os seguintes itens: como é entrar no perfil hoje; razões para entrar; frequência com que entra; o que faz quando entra; razões para escrever; quando escreve; frequência de escrita; escrita em datas especiais; mudança de frequência com o tempo; épocas em que a entrada/escrita são mais frequentes; sentimentos ao escrever hoje; o que pensa sobre outros lerem o que escreve; o que pensa sobre as mensagens dos outros.

O segundo bloco da segunda parte, que intitulei “*O aniversário*”, versava exclusivamente sobre a maneira como o entrevistado lidou com a data em que o falecido completaria mais um ano de vida. Esse item foi incluído já que, nas conversas informais e nas entrevistas-piloto, esse assunto costumava ser abordado espontaneamente, sendo considerado importante pelos interlocutores. Para entender melhor o que os entrevistados pensavam sobre o aniversário do falecido, abordei os seguintes assuntos: como lidou com o aviso do aniversário pelo Orkut; o que pensa das mensagens deixadas nos aniversários; se escreveu mensagens, as razões para isso; sentimentos ao escrever no aniversário; diferenças com o passar dos anos (quando mais de um aniversário já se passou).

O terceiro bloco, por intitulado de “*Sobre o Orkut*”, tinha o objetivo de investigar as ideias dos entrevistados sobre seu próprio hábito de escrever para pessoas mortas, estimulando-os a pensar no futuro e a imaginar como teriam experimentado a perda de um ente querido caso não existisse a possibilidade de deixar mensagens no Orkut. Este bloco contava com os seguintes itens: o que pensa sobre escrever mensagens em perfis de pessoas mortas; acha que algum dia vai deixar de entrar/escrever no perfil do falecido; ideias sobre deletar o morto do Orkut; outros lugares (MSN, celular, por exemplo) onde o morto ainda está; como seria se não existisse o Orkut; vivências de outras perdas sem o Orkut; como seria o aniversário do morto sem o Orkut.

No quarto e último bloco do roteiro, que chamei de “*Rituais antigos, crenças e superação da perda*”, havia itens que tinham como objetivo contrapor os rituais antigos (como funerais e missas, por exemplo) ao hábito de se escrever no Orkut, buscando semelhanças e diferenças entre ambos. Estes itens eram os seguintes: presença em rituais como enterro, missas e outros; além de escrever no

Orkut, faz algo fora da Internet (como visitar cemitérios, por exemplo); diferenças entre rituais antigos e escrever no Orkut; conversas sobre o morto.

Utilizando o roteiro descrito, dei início a 19 entrevistas. Destas, consegui completar 6 sem interrupções. Outras 6 foram concluídas em outros momentos. Na grande maioria destes últimos casos, os participantes pediram para que interrompêssemos a entrevista, pois tinham outros afazeres. Houve também dois participantes – uma mãe de um rapaz falecido e um amigo de uma moça falecida – que pediram que interrompêssemos por estarem bastante mobilizado com o tema da conversa. Além destas 12 entrevistas completas, houve 07 outras que não foram concluídas. Isso aconteceu porque os entrevistados ou não voltaram a ficar on-line no MSN ou continuaram conversando em outros momentos, porém novas interrupções não permitiram a conclusão. Destes casos, 03 entrevistas estavam bastante adiantadas, tendo a maior parte do roteiro sido contemplada. Por esta razão, estas 03 entrevistas foram aproveitadas. Assim sendo, das entrevistas submetidas à análise na próxima seção, 12 foram terminadas e 03 foram interrompidas próximas do fim.

Parei as entrevistas quando percebi que havia chegado ao “ponto de saturação”, ao qual me referi anteriormente. O “ponto de saturação” foi, portanto, meu parâmetro para perceber que já possuía informações suficientes para iniciar a análise dos dados. A maneira como fiz essa análise será descrita a seguir.

5.2.5. Análise dos dados

De posse dos arquivos de texto que continham as entrevistas realizadas, pude passar, finalmente, à análise dos dados. Assim como aconteceu nas etapas anteriores da pesquisa, a análise das entrevistas também foi feita com base no MEDS.

De acordo com este método, a análise é feita em duas etapas. Na primeira delas, chamada de “inter-participantes”, são analisadas as respostas do grupo como um todo. Nesta etapa, as respostas a cada pergunta são sistematicamente comparadas umas com as outras, em busca pontos em comum entre elas. A partir da identificação das recorrências, emergem categorias nas quais estas respostas são agrupadas. Estas categorias, por sua vez, permitem que o pesquisador tenha

uma visão panorâmica do conjunto de depoimentos e identifique, assim, as principais ideias apresentadas pelos participantes.

A partir das categorias que emergiram da análise “inter-participantes”, pode-se passar à segunda etapa, que é a análise “intra-participante”. Nela, analisa-se individualmente o discurso de cada entrevistado em busca de inconsistências, incoerências e possíveis sentimentos contraditórios. Quando essas inconsistências e/ou contradições são encontradas no discurso de um participante, elas geram uma nova categoria de análise. Volta-se, então, à análise “inter-participantes”, para verificar se esta é uma categoria comum aos demais entrevistados, ou se trata-se de uma peculiaridade apenas de um participante. Essa alternância entre os dois tipos de análise é feita tantas vezes quanto forem necessárias, até que se compreenda bem quais são as categorias predominantes no grupo como um todo e quais são aquelas presentes no discurso de somente um participante ou de uma minoria deles. Ao final da análise, restam apenas as categorias que melhor representam os resultados obtidos. Passemos, então, aos resultados da análise. Antes, contudo, apresentarei os entrevistados.